

Fim de análise e passe: um comentário sobre o passador e os ecos de um real no corpo

Clarissa Metzger

Resumo

O percurso de uma análise se inicia no “passe de entrada”, efeito de uma retificação subjetiva, e pode terminar com seu fim, que seria a passagem de psicanalista a psicanalista. Essa passagem implica um percurso pelo sintoma e pela fantasia e a destituição subjetiva correlata à travessia da fantasia, mas também a emergência de um desejo novo cujo índice seria o afeto do entusiasmo. A consequência da “experiência original” da análise é justamente o que o dispositivo do passe visa identificar, como forma de avaliar o trabalho e a formação de analistas de uma Escola, ao buscar recolher, no “passe de saída” da análise, os efeitos dessa passagem. Nesse sentido, o passe seria um modo de avaliar se “o real em jogo na formação do analista”, como diz Lacan, estaria ativo nessa formação. Por fim, o passador seria alguém que, estando em vias de concluir sua análise, seria sensível aos índices do final no testemunho do passante e poderia identificá-los através dos ecos desse testemunho em seu corpo. O passador funcionaria, então, como caixa de ressonância que pode fazer eco com seu corpo a algo do real que lhe foi transmitido pelo passante.

Palavras-chave:

Lacan; Destituição subjetiva; Corpo; Fim de análise; Passe.

End of analysis and pass: a comment about the passer and the echoes of a real in the body

Abstract

The path of an analysis begins at the “entrance pass”, the effect of a subjective rectification, and may finish with its end, which would be the passage from psychoanalyst to psychoanalyst. This passage implies a journey through symptom and fantasy and the subjective dismissal that correlates with the crossing of the fantasy, but also the emergence of a new desire whose index would be the affection

of enthusiasm. The consequence of the “original experience” of the analysis is precisely what the pass device aims to identify, as a way of evaluating the work and training of analysts in a school, by seeking to collect in the “exit pass” of the analysis the effects of that pass. In this sense, the pass would be a way of assessing whether “the real at stake in the formation of the analyst”, as Lacan says, would be active in this formation. Finally, the passer would be someone who, being in the process of completing their analysis, would be sensitive to the evidences of the end in the passing’s testimony and could identify them through the echoes of that testimony in their body. The passer would then function as a sounding board that can echo with their body something of the real that was passed on to them by the passing.

Keywords:

Lacan; Subjective dismissal; Body; End of analysis; Pass.

Fin del análisis y pase: un comentario sobre el pasador y los ecos de un real en el cuerpo

Resumen

El camino de un análisis comienza en el “pase a la entrada”, el efecto de una rectificación subjetiva y puede terminar con su fin, que sería el pase de psicoanalista a psicoanalista. Ese pasaje supone un viaje a través de los síntomas y la fantasía y el rechazo subjetivo correlacionado con el cruce de la fantasía, pero también la aparición de un nuevo deseo cuyo índice sería el efecto del entusiasmo. La consecuencia de la “experiencia original” del análisis es precisamente lo que el dispositivo de pase pretende identificar, como una forma de evaluar el trabajo y la capacitación de analistas en una escuela, al buscar recopilar en el “pase de salida” del análisis los efectos de ese pasaje. En este sentido, el pase sería una forma de evaluar si “lo real en juego en la formación del analista”, como dice Lacan, estaría activo en esa formación. Finalmente, el pasador sería alguien que, al estar en el proceso de completar su análisis, sería sensible a los índices del fin en el testimonio del pasante y podría identificarlos a través de los ecos de ese testimonio en su cuerpo. El pasador funcionaría entonces como una caja de resonancia que puede hacer eco con su cuerpo de algo real que le fue transmitido por el pasante.

Palabras clave:

Lacan; Destitución subjetiva; Cuerpo; Fin del análisis; Pase.

Fin d'analyse et passe : un commentaire sur le passador et les échos d'un réel dans le corps

Résumé

Le parcours d'une analyse commence par la « passe d'entrée », l'effet d'une rectification subjective, et peut se terminer par le passage de psychanalysant à psychanalyste. Celui-ci implique qu'on parcourt le symptôme et le fantasme, ainsi que la destitution subjective, qui se rattache à la traversée du fantasme mais aussi à l'émergence d'un nouveau désir dont l'indice serait l'affect de l'enthousiasme. La conséquence de cette « expérience originale » de l'analyse est précisément ce que le dispositif de la passe vise à identifier en tant que façon d'évaluer le travail et la formation des analystes dans une École, tout en cherchant à recueillir dans la « passe de sortie » de l'analyse les effets de ce passage. Dans ce sens, la passe serait un moyen d'évaluer si « le réel en jeu dans la formation de l'analyste », comme le dit Lacan, serait actif dans cette formation. Enfin, le passador serait quelqu'un qui, lorsqu'il termine son analyse, est sensible aux indices de la fin du témoignage du passant et pourrait les identifier à travers les échos de ce témoignage dans son corps. Le passador fonctionnerait alors comme une caisse de résonance qui peut faire écho avec son corps à quelque chose du réel qui lui a été transmis par le passant.

Mots-clés:

Lacan; Destitution subjective; Corps; Fin d'analyse; Passe.

Este artigo propõe um breve percurso do sintoma à destituição subjetiva, correlata à travessia da fantasia, para então abordar o dispositivo do passe. A questão que se colocou para mim foi: como pode o passador captar os índices do fim da análise no testemunho do passante, se há algo do real em jogo na passagem do psicanalisante a psicanalista? Proponho que algo opera no passador, na medida em que ele pode captar os ecos desse real em seu próprio corpo — não sem o significativo. Se o corpo tem lugar com certo destaque aqui, isso se deve à modificação do sujeito desde a destituição subjetiva em sua relação com o real no que diz respeito tanto ao inconsciente quanto ao sintoma. Minha hipótese é de que essa modificação afeta também a relação do sujeito com seu corpo.

Começo retomando conceitos já bem trabalhados em diversos textos psicanalíticos para, então, circunscrever uma questão sobre o corpo, o real e o final de análise. Disso decorre que o texto parte de uma abordagem mais ampla até chegar ao seu debate específico.

Do sintoma à destituição subjetiva¹

Gostaria de fazer aqui uma breve retomada da ideia de sintoma como solução do sujeito, não sem o corpo. Para isso, tomo como interlocutora privilegiada Soler (2018), em uma de suas abordagens do real e do sintoma. Essa autora, em seu livro “Adventos do real: da angústia ao sintoma”, retoma as ameaças ao corpo na atualidade, mas principalmente centra seus esforços no debate acerca do “modo de gozar fixado para cada sujeito”. Essa modalidade de gozo seria da ordem do “acontecimento de corpo”. Tal precisão coloca a importância do corpo em sua vertente real, uma vez que se trata do modo como esse corpo goza desde a ameaça à sua integridade. É esse ponto — das modalidades de gozo de um sujeito, que atingem também seu corpo — que gostaria de discutir, no que tange ao fim de uma análise e ao dispositivo do passe. Mais especificamente no que diz respeito ao passador nesse dispositivo.

Se a análise opera um tratamento do real, é preciso levar em conta a solução do sujeito — a melhor que ele encontrou — para lidar com o real antes da análise, pois é aí que algo vai se modificar. A própria fantasia é uma tentativa do sujeito de lidar com o real, especificamente de recobri-lo.

No filme “Janela da alma” (2001), um documentário em que os diretores entrevistam pessoas com diferentes níveis de deficiência visual, o cineasta Win Wenders, que usa óculos para enxergar, é entrevistado. Em seu depoimento, conta sobre sua experiência com lentes de contato e conclui que prefere usar óculos, caso contrário “vê demais”. Prefere o “enquadramento” proporcionado pela armação das lentes dos óculos, que restringe seu campo de visão. Diz querer “ver com restrição”, pois a fantasia parece funcionar como os óculos de Win Wenders; é através da lente da fantasia que o neurótico “vê” os acontecimentos, o mundo — mas, mais do que isso, é através dela que o sujeito dá sentido — um sentido frequentemente sintomático — ao que vê, ao que vive.

Nessa acepção, podemos dizer mais precisamente, com Lacan, que a fantasia funciona como uma tela sobre o real e que, como tal, tenta ordená-lo a partir de determinadas linhas. A fantasia tem função defensiva diante do real, encobrindo-o com uma lógica intrínseca que obscurece a falta de lógica e de sentido do real. Por outro lado, ela implica uma posição do sujeito diante do real, ainda que ele não se aperceba disso, em razão de, em certa medida, ser um crente da fantasia. O neurótico seria então um Win Wenders que não sabe que usa óculos. Essa posição terá consequências nem sempre agradáveis; o sintoma neurótico é uma expressão da fantasia. Assim, se, aparentemente, protege o sujeito do real traumático, funcionando como um filtro, a fantasia também fixa a posição do sujeito,

¹ Os primeiros oito parágrafos deste item do artigo são uma versão modificada de trechos do prefácio (Autor, 2018) do livro de Colette Soler (2018) “Adventos do real: da angústia ao sintoma”.

mantendo-o preso à repetição de formas sintomáticas de satisfação — lembrando, com Freud, que aquilo que satisfaz uma instância psíquica não necessariamente é vivido como prazeroso por outra instância. Ou seja, o que satisfaz a fantasia produz satisfação inconsciente, mas pode ser — e geralmente é — vivido pelo sujeito de modo conflitante, como sofrimento, mal-estar. Daí o caráter de “corpo estranho” do sintoma para o sujeito que busca a análise, que não se reconhece em seu sintoma.

As estratégias, os cálculos neuróticos implicam, portanto, uma criação do sujeito para lidar com o real, como evoca Soler (2018), ao se referir ao significante do medo de Hans, os cavalos. Tomemos o recorte que faz a autora desse caso, de modo a circunscrever uma criação possível do sujeito em um momento de apuro. O advento do real que desencadeia a fobia de Hans é da ordem do acontecimento de corpo; suas primeiras ereções são recebidas pelo Outro materno com o dizer de que “isso é uma sujeira”. Esse advento ou primeiro gozo não encontra, portanto, lugar no Outro, ou só encontra lugar como “sujeira”. Nesse contexto, a fobia funciona como um amparo do desejo e evita a ameaça do desaparecimento do desejo em um sujeito reduzido a objeto, uma vez que a mãe coopta Hans sem deixar lugar para a ereção como acontecimento de corpo, sem incluir esse advento do real que indica a presença do desejo, e não o lugar de objeto de Hans para ela.

A angústia é o afeto ligado ao real, o “afeto que não engana”, como diz Lacan (2005, p. 88), o que nos remete também aos pesadelos, ou sonhos de angústia. É possível dizer que, se o pesadelo não é sintoma, “nunca se faz uma análise sem levar o sujeito a seus pesadelos favoritos” (Soler, 2018, p. 64), o que indica ao menos um ponto do percurso necessário a uma análise. Bem, se a angústia se apresenta nos pesadelos, o sintoma é um modo de lidar com a angústia, e aqui podemos dizer que a fobia se apresenta como defesa contra a angústia.

Desse modo, haveria um antagonismo entre os afetos do medo e da angústia: enquanto esta última se refere a um perigo enigmático — tal como o que encontramos em nossos consultórios muitas vezes sob o nome de “crise de pânico” —, a fobia tem um objeto bastante específico. É por essa razão que Soler dirá que “a fobia já é um tratamento da angústia (...). É um sintoma que trata a angústia, substituindo-a por um significante que dá medo, e o medo já é mais tranquilizador” (Soler, 2018, p. 72). A fobia é, então, a criação de um significante que não veio do Outro, “o *ex nihilo* do significante”. Logo, a fobia estabelece o objeto a ser evitado para impedir que a angústia seja evocada. O fóbico circunscreve e isola sua angústia no objeto da fobia. Mais precisamente, “não se pode dizer que, no nível formal, o significante seja produzido pelo sujeito, mas a função significante dada a esse objeto procede da eficácia do sujeito” (Soler, 2018, p. 133). A fobia funciona como uma proteção, a partir de um significante utilizado pelo menino, quando ele não encontra lugar no Outro para uma eclosão em seu corpo.

A análise implica revisitar a estratégia inaugural do sujeito para lidar com o real, percorrer suas trilhas, os sulcos deixados por seu surgimento. É possível que, no fim de uma análise, esse mesmo sujeito possa criar uma nova estratégia. Aliás, como nos lembra Thamer (2018, p. 1), com Lacan, “o dispositivo analítico — inventado por Freud — é um procedimento ‘pelo qual o real toca no real’”. Então, se, por um lado, a análise propõe um tratamento do real pelo simbólico, evocando a proposta freudiana do “tratamento pela fala”, à qual Lacan deu continuidade, ela também introduz o real, através dos efeitos produzidos pela intervenção do analista como semblante de objeto a, em sua aceção real. O objeto a, tomado como objeto causa de desejo, provoca movimentos em uma análise na medida em que o sujeito se vê tocado, causado pelo discurso analítico.

Esse aporte do sintoma é eticamente orientado, na medida em que o toma como produção do sujeito. A análise não prescinde de um percurso por essa produção, pelas contingências que se impuseram a esse que a criou, pelas soluções que o sujeito foi capaz de oferecer para sua existência, ao mesmo tempo que aponta para um tratamento possível do real diferente de seu tamponamento pela fantasia: aquele que pode surgir, de modo singular, próprio de cada sujeito, ao fim de uma análise. Se alguém procura uma análise é porque a estratégia do sintoma traz uma solução apenas parcial, por um lado, e muito sofrimento neurótico a reboque, por outro.

Gostaria de indicar, de modo bem resumido, alguns momentos de uma análise que podem chegar àquilo que Lacan chamou de “destituição subjetiva”, para interrogar os adventos do real no fim de uma análise e o dispositivo do passe. Minha intenção é interrogar os efeitos de corpo nesse contexto. Se o sintoma é uma metáfora e, portanto, tem dimensão simbólica, ele também implica um gozo que remete ao corpo. Por essa razão, já adiantando minha hipótese, a destituição subjetiva, por modificar a relação do sujeito com seu sintoma e com seu inconsciente, implicará também efeitos no corpo. Essa modificação terá efeitos no dispositivo do passe, e aqui falarei mais especificamente do passador.

Percurso de uma análise

Quando alguém nos procura no consultório, não chega pedindo análise; chega se queixando de algo, disso já sabemos. Temos aqui um primeiro movimento do analista, no bojo do momento que Freud nomeou de “tratamento de ensaio” e que também podemos chamar de “entrevistas preliminares”. Esse momento inicial aponta para a inversão dialética, tal como abordada por Lacan em “Intervenção sobre a transferência”, texto de 1951 (Lacan, 1951/1998a). Retomando o Caso Dora, ele diz:

Não se trata ali de um artifício de ordenação de um material cujo surgimento, como Freud formula de maneira decisiva, fica entregue ao gosto do paciente. Trata-se de uma escansão das estruturas em que, para o sujeito, a verdade se transmuta, e que não tocam apenas em sua compreensão das coisas, mas em sua própria posição como sujeito da qual seus “objetos” são função. (Lacan, 1951/1998a, p. 217)

Ou seja, o que está em jogo na inversão dialética não diz respeito à compreensão; é uma modificação da verdade, a partir de uma escansão, que toca a própria posição do sujeito. Que o sujeito possa transformar sua queixa em uma interrogação sobre seu mal-estar, a partir da intervenção do analista, configura já uma mudança de posição, o que podemos chamar de “passe de entrada” em uma análise.

A entrada em análise é da ordem de um reposicionamento que é diferente da entrada no consultório do analista. Implica a presença da Outra cena, a cena do discurso inconsciente, que comparece não apenas desde o sintoma, mas também a partir de outras manifestações linguageiras. Implica que o paciente, passando à posição de analisante, perceba que, para além daquilo que diz, está o próprio dizer; que, com seus ditos, ele diz mais, diz diferente do que pretende e do que imagina dizer. A entrada em análise coincide com a instauração do sujeito suposto saber da transferência, que inicialmente fica localizado pelo analisante na figura do analista: é ele, o analista, quem pode escutar e evidenciar o sujeito do inconsciente e presentificar a Outra cena para o analisante.

Quando ocorre a entrada em análise, é possível situar um tempo que consiste no desenrolar da novela do neurótico, mas que não é simples blá-blá-blá. A narrativa, as historinhas que dão corpo a muitas das sessões, essa novela, interrogada, escandida, pontuada pelo analista, termina por se mostrar apenas uma versão da verdade, mas não qualquer uma: aquela na qual o neurótico se encontra preso e a partir da qual goza, aquela que criou a partir do enigma do desejo do Outro, mas que o mantém cativo desse enigma, preso à demanda do Outro.

A novela do neurótico abre caminho para a construção da fantasia, a partir da visita aos ideais, das repetições, dos sonhos, das identificações que as historinhas do analisante carregam, que pouco a pouco colocam em questão os ideais, que então vão caindo. O desenrolar dessa narrativa, que dá ensejo à construção da fantasia fundamental, pode conduzir àquilo que chamamos de travessia da fantasia, correlata à destituição do sujeito. Mas o que é a destituição do sujeito? Do que o sujeito é destituído nesse momento final de uma análise, ao atravessar a fantasia?

Destituição subjetiva

Lacan se refere mais especificamente à destituição subjetiva nos anos 1960, épo-

ca em que é expulso da Sociedade Psicanalítica de Paris, como “moeda de troca” para que esta fosse novamente aceita pela IPA (Associação Psicanalítica Internacional, em inglês). Assim, em 1964, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris, na qual se detém intensivamente em pensar e discutir a formação do analista. A questão do fim de análise se coloca nesse momento como uma questão política fundamental. Lacan criticava o modelo ipeísta de formação de analistas e fim de análise, pautados por uma organização hierárquica e vitalícia, na qual estava em jogo o uso extensivo do poder (Menegassi, 2010, p. 14) por aqueles que se encontravam nos altos escalões das sociedades psicanalíticas, como os analistas didatas. A crítica lacaniana à formação do psicanalista e ao uso do poder nas instituições psicanalíticas não é novidade; está em voga desde os anos 1950, como encontramos em “Função e campo da fala e da linguagem” (Lacan, 1953/1998b) e em “Situação da psicanálise e formação do psicanalista” (Lacan, 1956), entre outros.

Nos anos 1960, o tema da formação do analista é mais uma vez debatido no contexto de uma reorientação ética do psicanalista no bojo da fundação da Escola Freudiana de Paris, na qual o que está em jogo não é um uso do poder institucional, mas, sim, as questões ligadas ao tratamento psicanalítico e ao fim de análise como elementos que podem levar à produção de um analista. Agora em um contexto um tanto diferente do que ocorreu nos anos 1950, encontramos a referência de Lacan ao tema da destituição subjetiva em alguns textos que datam de um período bem específico, de 1967 a 1969.

A destituição subjetiva é um índice do fim da análise. É uma das noções das quais Lacan lançou mão para discutir o término de uma análise, juntamente com outras, que discutiu em diferentes momentos de seu ensino, como a travessia da fantasia, a identificação ao sintoma e o ato analítico. É digno de nota que Lacan formule o fim de análise justamente pelo lado de uma destituição, em vez de fazê-lo, por exemplo, pelo lado de uma instituição ou de uma restituição. Mas do que, afinal, ele é destituído? Trata-se de um sujeito destituído do poder fálico atrelado à fantasia, um sujeito decaído, em vez de entronado. Lacan marca a direção da política da psicanálise como uma política da falta-a-ser. Por outro lado, Soler chama nossa atenção para o sujeito no momento da destituição: “(...) o momento de destituição, talvez, não é um sujeito da falta-a-ser. A destituição é um efeito do ser” (Soler, 2002, p. 17).

Com essa direção, ele retoma a subversão freudiana: quando Freud abre mão da sugestão hipnótica e passa a trabalhar a partir da livre associação, o que está em jogo não é apenas uma modificação técnica, mas uma nova orientação ética no modo de tomar a transferência: se o hipnotizador é quem detém o poder sobre o tratamento, que exerce através da sugestão, a livre associação coloca a ênfase no sujeito, que associa e aponta para um saber inconsciente do lado do analisando.

te. Isso implica um *esvaziamento* do poder correlato à formulação lacaniana da política da psicanálise como uma política da falta-a-ser, que desaloja o analista da posição de uso de poder. Se a transferência delega poder ao analista, cabe a ele abdicar de certo uso do poder, o que não significa, por outro lado, que o analista “lave as mãos”; ele dirige o tratamento, eis seu poder, como já indicou Lacan em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (Lacan, 1958/1998c, p. 592). Não se servir do poder é diferente de se omitir de sua posição. É importante dizer também que não se trata na política da falta-a-ser destacada por ele aqui de uma orientação para o nada. Como ensina Lacan na “Proposição”, o nada não é o mesmo que o vazio (Lacan, 1967/2003a, p. 255), sendo este último solidário ao desejo de analista.

Por outro lado, se o analista dirige o tratamento, orientado pela ética da psicanálise, o analisante é levado, de maneira programada, como veremos com Soler, em direção à destituição subjetiva.

Cito Lacan:

A estrutura, assim abreviada, permite-lhes ter uma ideia do que acontece ao termo da relação transferencial, ou seja, quando, havendo-se resolvido o desejo que sustentara em sua operação o psicanalisante, ele não mais tem vontade, no fim, de levantar sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito. (Lacan, 1967/2003a, p. 257)

Destaco aqui o fim da relação transferencial implicado na destituição subjetiva. Afinal, o fim de análise não seria o fim da transferência? Por muito tempo, a transferência sustentou o sujeito suposto saber no lugar do analista. Uma vez que essa suposição de saber caiu, o que haveria a fazer em uma análise depois disso? Já não se trata mais, como ensina Lacan, de “levantar sua opção”, ou seja, de manter de pé o que já caiu, aquilo que determinou sua divisão, cerne da própria fantasia e que sustentou a transferência. Também tem fim a “operação psicanalitante”, o que só aumenta o enigma: o que mais precisa acontecer? A destituição subjetiva, na medida em que implica a desidentificação aos ideais, vai operar uma mudança na economia de gozo do sujeito, isso é certo e já poderia ser suficiente. Mas esse ainda não é o fim.

A destituição subjetiva pode ser articulada à operação da travessia da fantasia, na medida em que o sujeito destituído é esse que modificou sua relação com a fantasia, atravessando-a. Sabendo que a fantasia é uma ficção, já não será mais um crente da fantasia, um serviçal do Outro. Isso implica que o Outro perde consistência. Essas ocorrências implicam uma modificação também na relação com os outros, com o corpo e com o próprio saber, já que, estando avisado da ficção — ou

fixão — em que se encontrava, o saber perde consistência. Isso acarretará também uma modificação no que diz respeito à libido e ao gozo:

Esse dismantelamento modifica necessariamente os investimentos libidinais, pois as restrições imaginárias e simbólicas são abrandadas. O gozo ligado à fantasia perde sua força, deixando subsistir apenas a pulsão, talvez um estilo, mas também alguns gostos que não são estranhos ao que um dia foram os sulcos pelos quais o sujeito tentou acoplar seu desejo a um Outro que não existe. Enquanto o sujeito tomar a ficção da fantasia como real, não haverá absolutamente o atravessamento que lhe permitirá concluir a análise. (Thamer, 2018b, p. 183)

Desse modo, a destituição subjetiva implica um sujeito avisado de sua fantasia, mas também de seu gozo, que o mantinha cativo de seu sintoma, diz Soler (2002 p. 16): “Então, a destituição, finalmente, o que é? É que o sujeito ganha uma certa percepção desta satisfação que o amarra a sua história. Então, é uma perda.” Um ganho, uma perda. A destituição implica certo saber sobre “onde o sujeito amarrou seu burro”. Ele deixa de ter todas as possibilidades em aberto, deixa de ser o sujeito indeterminado que supõe poder escolher qualquer coisa por não saber ao que está amarrado. “A destituição subjetiva supõe, então, um atravessamento do ‘eu nada quero saber daquilo que eu sou como gozo’” (Soler, 2002 p. 17). Implica uma identidade de gozo — não se trata, portanto, de uma identificação de significativa, do tipo “essa é minha história”, mas, sim, de um “é assim que eu gozo com essa história”. Isso não implica uma fixação do sujeito, mas os caminhos já demarcados de sua cadeia associativa.

É por esse caminho que “A identificação ao sintoma é uma maneira de designar o efeito de destituição” (Soler, 2002 p. 17), já que o sujeito se reconhece em seu sintoma e se encontra esclarecido sobre seu gozo sintomático. Soler (2002) esclarece que, quando Lacan fala da identificação ao sintoma, está se referindo ao fato de que o sujeito se reconhece e aceita suas modalidades irreduzíveis e singulares de gozo. “O que é impossível de ser dito não é, entretanto, sem substância, ele é feito corpo, isto é, participa do gozo. Ser determinado como ‘a’ é sempre de alguma forma ser determinado como corpo” (Soler, 2002, p. 18). O saber-se objeto, saber-se resto, que advém com a destituição, aponta para um acontecimento de corpo. Há uma mudança na economia de gozo, por um lado, mas há também aquilo que resta, de que o sujeito não se desvencilha, porque é seu próprio cerne irreduzível.

“O afeto primeiro da destituição é a angústia (...). A angústia, diz Lacan, é o afeto do real” (Soler, 2002 p. 30). A angústia é o afeto que domina quando se trata da destituição selvagem, que não ensina o sujeito, apenas o assusta. É o

que está em jogo, por exemplo, como indica Soler, em destituições não programadas, como aconteceu com Lacan quando foi destituído da IPA, ou então a de Primo Levi e outros que foram destituídos de sua posição de modo violento. Esse tipo de destituição é diferente da destituição programada pelos discursos, na qual outros afetos podem comparecer, como indica a caracterização do afeto maníaco-depressivo do momento de destituição, em suas variações de excesso: excitação, raiva, tristeza. Excesso de afeto que é também expressão da pulsão, que, uma vez desinvestida a fantasia, resta livre, liberta das amarras que a atavam: que destino terão?

Para além — ou em consonância — da destituição subjetiva, há um luto necessário. O luto de uma análise que, se promove ganhos e mudanças, tem também seus limites. Mas haveria então um momento em que cessaria essa oscilação dos afetos maníaco-depressivos? O entusiasmo do fim de análise, afeto posterior à destituição do sujeito, teria relação justamente com a conclusão desse luto, ligado ao ultrapassamento do horror de saber. Esse afeto é índice, pois — cito Lacan — “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” (Lacan, 1974/2003b, p. 313). Haveria, então, um afeto específico que seria índice de um real, que indicaria o fim da análise. Seria possível identificar esse afeto de algum modo?

Experiência original e dispositivo do passe

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, Lacan (1967/2003a) indica a importância do real em jogo na formação do analista e, pouco depois, sublinha a importância de “constituir a psicanálise como uma experiência original” (Lacan, 1967/2003a, p. 251). O que é, o que implica essa experiência original? Ela talvez só possa ocorrer se o real não estiver negado na própria formação do analista.

A palavra “original” refere-se à origem; ao que não existiu, não ocorreu antes. Ponto de partida no qual algo novo é inaugurado e se apresenta pela primeira vez.

A experiência original da análise implica uma experiência que, sendo inédita, não é previsível, nem passível de ser reproduzida como idêntica. Portanto, não se trata de repetição. Ela é inaugural. Trata-se do novo, do desejo original que se apresenta no final de uma análise e que Lacan nomeou como “desejo de analista” (Lacan, 1959/1988, p. 260). Todavia, sendo novo, paradoxalmente só pode surgir da repetição. É por isso também que, embora se possa falar em uma “estrutura” do fim de análise, cada saída terá um caráter único, singular.

Essa indicação, que remete ao desejo original que se revela no fim da análise, parece-me importante, na medida em que Lacan anuncia nesse texto, mais à frente, após abordar a questão da transferência, que o término da análise é equivalente à passagem do psicanalisante a psicanalista (Lacan, 1967/2003a, p. 257). Ele

indica, assim, o ponto nodal para a Escola de psicanalistas. Nodal, mas nem por isso cristalino, como dirá: “Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa a psicanalista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar” (Lacan, 1967/2003a, p. 258). É em torno desse ponto de junção — ou de dis-junção —, em que o analisante passa a analista, que fazemos Escola. Trata-se de um ponto tão mais nodal quanto mais sua estrutura se anuncia como vazio, como traço de real a ser transmitido e recolhido no dispositivo do passe.

O dispositivo do passe foi criado por Lacan como um modo de identificar o advento desse desejo original, o desejo de analista que se produz ao fim de uma análise. Os passadores recolhem o testemunho do passante e buscam transmiti-lo ao cartel do passe, que, por sua vez, tem a tarefa de identificar, no encontro com os passadores, o surgimento de um desejo original (no passante), chamado desejo de analista. Uma vez que é o passador quem está diante do cartel do passe, é através dos efeitos do relato do passante no passador que o cartel poderá identificar esse desejo. Quando propôs o dispositivo do passe, Lacan (1995b, p. 10) entendeu que alguém nessa condição de finalização, na iminência de concluir sua própria análise, seria sensível a um congênere, ou seja, à experiência de alguém que, tendo estado às voltas com a mesma questão, tivesse recentemente encontrado a porta de saída da análise. Nesse sentido, como transmitir algo do original da experiência do fim com a ajuda das palavras, quando a experiência do passe é permeada justamente por algo do real que não cessa de não se inscrever? É esse o desafio do passante, é isso que ele transmite ao passador e que o passador, por sua vez, transmite ao cartel do passe.

O dispositivo do passe é o cerne da Escola de psicanálise lacaniana. Ele não foi criado para avaliar individualmente os analistas, já que, em um dispositivo tão sujeito a imprevistos e variações, a nomeação de um Analista de Escola, ou seja, desse cujo desejo de analista foi identificado pelo cartel do passe, é absolutamente contingencial. O dispositivo do passe é um instrumento para identificar se a Escola de analistas de fato está produzindo analistas e colocar em jogo as questões cruciais da passagem do analisante a analista. É um dispositivo que avalia a Escola e se ela continua incluindo o real na formação de analistas que oferece.

O real em jogo na formação do psicanalista é da ordem do furo. Por essa razão, provoca seu próprio desconhecimento ou negação sistemáticos (Lacan, 1967/2003a, p. 249). É isso que Lacan identifica na formação de analistas de seus contemporâneos pós-freudianos. Ele nos alerta para o fato de que essa é uma questão a ser levada em conta pelos analistas da Escola. Caso contrário, os efeitos dessa negação se fazem sentir na formação e, conseqüentemente, na própria clínica que esses analistas exercem. O modo de não negar esse real seria justamente

propor um funcionamento da Escola que incluiria o furo em vez de negá-lo. Ele escreve: “Remediar isso [a negação do furo e suas consequências na formação dos analistas], entre nós, deve ser feito pela constatação da falha que registro, longe de pensar em encobri-la” (Lacan, 1967/2003a, p. 251). A falha é causa; o desejo do psicanalista tem ele mesmo a estrutura desse furo da ordem do real. Assim, excluir o furo seria excluir o próprio cerne do desejo de analista. É por essa razão que a formação do analista precisa ser permanente, uma vez que o desejo do analista é correlato a um vazio real, que implica constante movimento, que anima a Escola de psicanálise e presentifica o desejo de analista. Pela mesma razão, o dispositivo do passe foi criado para identificar algo do real do desejo do analista — ou seus ecos.

O passador e os ecos de um real no corpo

O formato inusitado do passe é feito sob medida para destituir um imaginário que idealiza o fim de análise. Creio que a ironia de Lacan se faz presente aqui: em contraste com a hierarquia e o fim de análise adaptativo idealizados pelos pós-freudianos, propõe um dispositivo furado, tão cheio de contingências e sem garantias; não existe o “mapa da mina”. A única garantia é o desejo daqueles que sustentam o dispositivo e dele participam. É algo do real ligado ao desejo de analista que o cartel do passe deve distinguir nos testemunhos de passe. Nesse contexto, o passador se apresenta como uma “placa sensível” (Fingermann, 2011, p. 13), que estaria apta a captar os indícios do fim da análise, por estar ele mesmo no desenlace de sua análise, tal como indica Lacan (1967/2003a, p. 261). Essa linha tênue que separa o momento do passante e o momento do passador contribuiria para que o segundo captasse algo do real do desejo original que se apresentaria após a conclusão da análise do primeiro. A indicação de Lacan (1974/2003b, p. 313) em “Nota italiana” aponta que haveria um afeto, o entusiasmo, que seria índice da passagem do analisante a analista — índice, portanto, do real da experiência original que advém com essa passagem.

Se o passador funciona no dispositivo do passe como essa placa sensível, é desde a destituição subjetiva, uma vez que esta implica uma modificação na relação do sujeito com o gozo. Portanto, em alguma medida, é com seu corpo que ele capta os ecos de algo do real desse desejo original que surge ao término de uma análise, sendo o passador sujeito destituído, mas ainda em vias de encontrar o entusiasmo correlato ao desejo de analista que o passante teria encontrado.

Como deve trabalhar um passador? Não há fórmula, não há manual. Há, sim, nos relatos de passe, elementos importantes, momentos de virada na análise, acontecimentos marcantes, decisivos, que precisam ser recolhidos. Mas todas essas informações relevantes e singulares não são o suficiente, independentemen-

te de quanto tempo um passador escute seu passante, de quanto o passante se esforce para ser claro e preciso em seu relato. Todavia, se é do real que se trata nessa transmissão, no que se apoia o passador? Se não há “método” em recolher o testemunho do passe, então como saber onde, como recolher os fragmentos da verdade mentirosa e como transmiti-la? Impossível não lembrar do “Eu não procuro; acho”, de Picasso. O passador encarna — em-carne, no corpo — a inversão do *cogito* que revela o Isso: “Sou onde não penso” — e eis que algo do real se transmite, sem cálculo.

Mas, então, como se dá essa transmissão? O corpo tem aqui um papel. Não apenas porque o corpo, para a psicanálise, é também da ordem do real pulsional, mas a partir do que se anima, que diz respeito ao desejo e à sua manifestação, às vezes leve, às vezes dolorosa — já que não se trata de um roteiro antecipado; impulso que se apresenta desde o ato até a captura pelo significante. Ser movido a uma ação sem sentido, ser afetado no corpo pelo efeito do significante que toca no vazio e assim alude ao desejo do analista em suas vertentes singulares: leveza, elevação do objeto e muitas outras. Experiência ímpar, ainda que mais de uma vez passador, porque a dor que passou, a experiência que é passada, que foi atravessada, não foi a mesma.

Lacan, em sua intervenção de 1973, afirma que, “se há alguém que passa seu tempo a passar o passe, sou eu” (Lacan, 1973/1995b, p. 59). Indica, no mesmo texto, que os passadores devem ser escolhidos entre os “mais novos participantes”, mas a transmissão da experiência “não deve ser dirigida aos velhos, aos mais velhos”. O uso da oposição entre novos e velhos não é menção de tempo de vida, de idade. Menos ainda referência ao tempo de alguém na Escola, embora aparentemente seja a isso que se refere. Parece-me que Lacan se refere a uma posição, ligada à capacidade de se deixar afetar por algo novo, que se transmite através do passador e que, portanto, não é o “funcionário do discurso analítico, esse que já está careca de saber como as coisas são e funcionam. Quando diz que o passador é o passe, não estaria Lacan se referindo justamente a essa disposição do passador de acolher o novo em sua pura diferença que se transmite através do relato do passante? E, assim, não seriam também passadores, nessa acepção, os membros do cartel do passe que são capazes de identificar o surgimento do desejo original, da passagem do psicanalisante a psicanalista? Não se trata de igualar as funções das diferentes funções envolvidas no passe, mas de circunscrever algo que seria próprio ao passador, mas que também não poderia estar ausente nas demais funções.

Quando digo que algo se transmite “através do passador”, trata-se de frisar seu papel e a razão para que seu corpo ganhe um lugar central no dispositivo do passe. O passador, cujo sujeito foi destituído, não tem a ilusão de controlar aquilo que lhe comanda, que é da ordem do inconsciente. A destituição subjetiva implica

uma mudança na relação do sujeito com seu sintoma, com seu inconsciente e, portanto, com seu corpo. Por essa razão, funciona como caixa de ressonância, que pode fazer eco com seu corpo a algo do real, que lhe foi transmitido pelo passante. O passador seria, então, segundo Soler (2002, p. 17), esse que foi levado à sua “identidade de gozo, ressaltando-se que não se trata de uma identificação pelo significante”, apontando para o real em jogo no passe. Se o passador assente em ser portador da mensagem que lhe afeta, ele o faz, não sem o inconsciente, mas com seu corpo, afetado pelo relato do passante.

Referências bibliográficas

- Fingermann, D. (2011). A presença do passador: atualidade da Escola. *Wunsch*, (11).
- Jardim, J., & Carvalho, V. (2001). *Janela da alma*. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes e Produções.
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1995a). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Trad. D. D. Estrada. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1995b). Sobre a experiência do passe. *Letra Freudiana: Escola Psicanálise e Transmissão*, Documentos para uma escola II. Lacan e o passe, XIV(0). (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (1998a). Intervenção sobre a transferência. In J. Lacan. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro, (pp. 214). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1951).
- Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro (pp. 238). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998c). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro (pp. 591). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998d). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro (pp. 807). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (2003a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre a formação do analista. In J. Lacan. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro (pp. 248). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967).
- Lacan, J. (2003b). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro (pp. 311). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Menegassi, A. (2010). *O conceito de destituição subjetiva na obra de Jacques Lacan*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Metzger, C.: (2018). *Prefácio*. In Soler, C.: *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller, 2018.
- Rojas, R., & Fingerhann, D. (2011). Thesaurus sobre o passador. *Wunsch*, (11).
- Soler, C. (2002). Variantes de destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas. Aulas 1 e 2. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, (5).
- Soler, C. (2017a). Advento do real. Pré-texto do Encontro Internacional de Barcelona (setembro de 2018). Recuperado de <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/rdv2018pre1.pdf>
- Soler, C. (2017b). A histerização de entrada em análise. *Wunsch*, (16).
- Soler, C. (2018). *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller.
- Thamer, E. (2018a). Pré-texto 9 do Encontro Internacional de Barcelona (setembro de 2018). *Do real advindo pela análise*. Recuperado de [http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/\(Pg\)Pre-text09-Thamer.pdf](http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/(Pg)Pre-text09-Thamer.pdf)
- Thamer, E. (2018b). Sobre os limites do saber. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (35), 179-186. Recuperado de <http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/193/137>

Recebido: 01/11/2019

Aprovado: 01/10/2020